



**Cansei-me de tentar o teu segrêdo:
No teu olhar sem côr, - frio escarpêlo, -
O meu olhar quebrei, a debatê-lo,
Como a onda na crista de um rochedo.**

**Segrêdo dessa alma e meu degrêdo
E minha obsessão! Para bebê-lo
Fui teu lábio oscular, num pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de mêdo.**

**E o meu óculo ardente, alucinado,
Esfriou sobre o mármore correcto
Dêsse entreaberto lábio gelado...**

**Dêsse lábio de mármore, discreto,
Servem como um túmulo fechado,
Serêno como um pélago quieto.**

**Camilo Pessanha, Clépsidra,
Colecção Poesia Edições Ática**



**Desce em folhedos tenros a colina
- Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,
Nos quais a chama do furor declina...**

**Oh vem de branco, - do cimo da folhagem!
Os ramos leve, a tua mão aparte.
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te
Reflectir-te virgem a serena imagem**

**De silva doida uma haste esquiva
Quão delicada te osculou num dedo
Com um aljôfar côr de rosa viva!...**

**Ligeira a saia...doce brisa impele-a...
Oh vem! De branco! Do cimo do arvoredado...
Alma de silfo, carne de camélia...**

**Camilo Pessanha, Clépsidra,
Colecção Poesia Edições Ática**



**Floriram por engano as rosas bravas
No invrno veio o vento desfolhá-las...
Em que cimas, meu bem? Porque me calas
As vezes com que há pouco me enganavas?**

**Castelos doidos! Tão cedo caistes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!**

**E sobre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando no chão, na acrópole de gelos...**

**Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze – quanta flor –, do céu,
Sôbre nós dois, sôbre nossos cabelos?**

**Camilo Pessanha, Clépsidra,
Colecção Poesia Edições Ática**



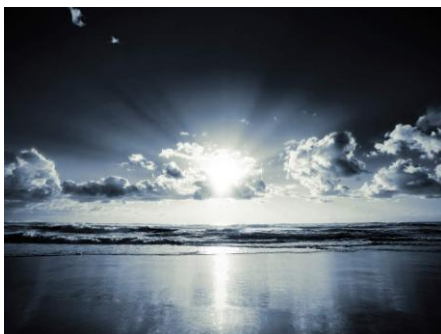
**Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...**

**De que esvoaçam,
Branços, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.**

**Fundas, soluçam
Caudais de choro...
Que ruínas, (ouçam)!
Se se debruçam,
Que sorvedouro!...**

**Trémulos astros ...
Soidões lacustres...
- Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!**

**Umas quebradas!
Blocos de gelo...
- Chorai arcadas,
Despedaçadas,
Do violoncelo.**



Crepuscular

**Há no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amor, de ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume.**

**As mdre-silvas murcham nos silvados
E o aroma que exalam pelo espaço,
Tem delíquios de gôzo e de cansaço,
Nervosos, femininos delicados.**

**Sentem-se espasmos, agonias de ave,
Inapreensíveis, mínimas serenas...
- Tenho entre as mãos tuas mãos pequenas,
O meu olhar no teu olhar suave.**

**As tuas mãos tão brancas de anemia...
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
- É este elanguescer da natureza,
Este vago sofrer do fim do dia.**

**Camilo Pessanha, Clépsidra, Poesias,
Colecção Poesia Edições Ática**



Viola Chinesa

**Ao longo da viola morosa
Vai adormecendo a parlenda
Sem que amardornado eu atenda
A lenga-lenga fatidiosa.**

**Sem que o meu coração se prenda,
Enquanto nasal, minuciosa,
Ao longo da vida morosa,
Vai adomecendo a parlenda.**

**Mas que cicatriz melidrosa
Há nêle que essa viola ofenda
E faz que as asitas distenda
Numa agitação dolorosa?**

Ao longo da viola morosa...

**Camilo Pessanha, Clépsidra, Poesias,
Colecção Poesia Edições Ática**



EM UM RETRATO

**De sob o cómodo quadrangular
Da terra fresca que me há-de inhumar,**

**E depois de já muito ter chovido,
Quando a erva alastrar o olvido,**

**Ainda amigo o meu olhar,
Há-de ir humilde, atravessando o mar,**

**Envolver-te de peito enternecido,
Como de um pobre cão agradecido.**

**Camilo Pessanha, Clépsidra, Poesias,
Colecção Poesia Edições Ática**



POEMA FINAL

**Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
- Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânias - ,
No limbo onde esperais a luz que vos batize,**

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

**Abortos que pendeis as fronteas côm de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clépsidra,
Vagamente sorris resignados e ateus,**

Cessai de gogitar, o abismo não sondeis.

**Gembundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que tôda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais nas arestas dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,**

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

